

# Teorias da mudança lingüística e a sua relação com a(s) história(s) da(s) língua(s)

Rosa Virgínia Mattos e Silva  
mattosesilva@hotmail.com

*Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras/CNPq (Brasil)*

## **Introdução: o problema**

Desde que iniciamos o nosso grupo de pesquisa, “Programa para a história da língua portuguesa”, nos inícios da década de noventa do século passado, uma questão se colocou para o grupo, no momento em que deveria se apresentar ao CNPq, a fim de solicitar um Projeto Integrado. A questão era a seguinte: que teoria adotar se já havia no grupo descritivistas, variacionistas e gerativistas. Com o correr do tempo, incluíram-se funcionalistas. Que decisão tomar quanto a essa questão? Decidimos, coletivamente, que não trabalharíamos para a reconstrução histórica da língua portuguesa com uma única teoria e seu respectivo método. Cada pesquisa/projeto dos componentes do grupo explicitaria a sua teoria e o seu método, partindo sempre, contudo, de uma base descritiva. Assim se fez! E se faz!

Em 1996, Ataliba Teixeira de Castilho, começou a elaborar o “Projeto para a história do português brasileiro”, PHPB.

Então voltou a ser colocado o mesmo problema ou questão: o da teoria e seu método. A solução que vem sendo seguida é a que adotamos em nosso grupo, o PROHPOR: há nas equipes regionais que compõem o Projeto descritivistas, gerativistas, variacionistas, funcionalistas e, mais recentemente, os que pesquisam sobre “Tradições discursivas”, de orientação alemã. Basta que se examinem os livros publicados, a partir dos seminários bianuais do PHPB, ao todo sete (São Paulo, Campos do Jordão, Campinas, Teresópolis, Ouro Preto, Salvador/Ilha de Itaparica e Londrina, este último a ser publicado), para que se verifique o que acima afirmamos.

Para estudar o passado de qualquer língua, faz-se necessário o uso de textos bem editados, uma vez que se trata de edições para estudos lingüísticos de tempos pretéritos. Assim a Filologia se fez presente no PHPB: no Seminário de Campos do Jordão, um grupo,

coordenado por Heitor Megale, estabeleceu as normas para as edições a serem utilizadas no *corpus* documental que seria a base das análises lingüísticas. Começou-se com textos impressos no século XIX, sobretudo os jornais que, no Brasil, se multiplicaram naquele século, uma vez que, só a partir de 1808, foi permitida pela metrópole a imprensa no Brasil. Dessa pesquisa em jornais, publicou-se o livro *E os preços eram commodos... Anúncios de jornais brasileiros. Século XIX*, sob a responsabilidade de Marymárcia Guedes e Rosane de Andrade Berlinck, corria o ano 2000. Depois foi-se para os Arquivos Brasileiros, públicos ou privados. A equipe da Bahia publicou, também em 2001, *Cartas Baianas Trecentistas*, sob a responsabilidade da pesquisadora Tânia Lobo e com a colaboração dos bolsistas de Iniciação Científica – Klebson Oliveira, Permínio Ferreira e Uilton Oliveira. Outros *corpora* vêm sendo constituídos, como base, principalmente, de dissertações e teses, como, por exemplo – *As cartas do Século XIX para as freiras do Desterro*, base da tese de Tânia Lobo (inédita), em que a autora distingue as cartas de brasileiros das dos portugueses; as *Cartas de Afrânio Gonçalves de comerciantes portugueses no Brasil*, que também editou outros documentos para confrontar com as *Cartas*; as atas e outros documentos da Sociedade Protetora dos Desvalidos editadas por Klebson Oliveira, editadas no seu Mestrado, e ampliadas, em número, na sua tese de Doutorado e assim por diante. Verificou-se, no correr da pesquisa, que era o século XIX o mais fértil nos Arquivos Brasileiros, diminuindo a incidência de documentos quando se recua no tempo. Como formigas obreiras, tem-se pesquisado Arquivos em vários pontos do Brasil.

Para encerrar esse item, resalto a importância da Filologia, no sentido estrito, de edições de textos confiáveis, para estudos lingüísticos do passado.

### **1. O que é a mudança lingüística? Quais as teorias contemporâneas sobre a mudança das línguas no tempo?**

A mudança das línguas no tempo é o cerne da Lingüística Histórica. Já que os principais testemunhos para o passado lingüístico são os textos escritos – inscrições, manuscritos, textos impressos –, são apropriadas metáforas para definir a Lingüística Histórica, como a de

Roger Lass, “Ouvir o inaudível” (1997: p. 45), e a mais conhecida, de William Labov, “a arte de fazer o melhor uso dos maus dados” (1982: p. 20). Metáforas que, em parte, podem delimitar o que seja o trabalho nesse campo da Lingüística.

Ao longo de seu tempo histórico, as línguas mudam: há mudanças fônicas, mórficas, sintáticas e léxico-semânticas. Contudo, a história de uma língua, como a história dos homens, como disse Michel Foucault, “não é uma duração: é uma multiplicidade de tempos que se emaranham e se envolvem uns nos outros” (2000 [1972]: p. 293).

Se assim é, a linearidade temporal nas línguas deve ser revista e a “multiplicidade de tempos que se emaranham” deve ser levada em conta por aquele que faz Lingüística Histórica. Uma lei do tipo neogramático, em que  $X$  (no tempo A)  $>$   $Y$  (no tempo B), não se sustenta, porque entre A e B múltiplos fatores condicionantes podem ter efeitos inesperados sobre a mudança de  $X > Y$ .

Pode-se conceber a mudança lingüística no sentido estrito e no sentido lato. No primeiro caso, pode ser trabalhada em duas orientações: a) a Lingüística Histórica sócio-histórica; b) a Lingüística Diacrônica ou a-social. Quanto à Lingüística Histórica no sentido lato, trabalha com dados datados e localizados, como qualquer Lingüística que trabalhe com *corpus*, como a Dialectologia e a Sociolingüística laboviana, a Etnolingüística e mesmo a teoria da conversação, desde que use *corpora*. Inspirei-me para essa dicotomia – sentido lato e estrito – em Eugênio Coseriu que, em *Sincronia, Diacronia e História* diz que a “descrição e a história da língua situam-se no nível histórico da linguagem e constituem juntas a Lingüística Histórica” (1979: p. 236) e no clássico *Empirical Foundations for a Theory of Language Change* (1968), em que Uriel Weinreich, estudioso do contacto lingüístico, Marvin Herzog, dialetólogo, e William Labov se uniram para elaborar os famosos *Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Lingüística*.

De todos os tipos de mudanças as mais estudadas foram as fônicas com os neo-gramáticos do século XIX, cujo texto teórico básico é o de Hermann Paul, *Prinzipien der Sprachgesichte*, publicado em 1880. Os conceitos básicos dessa teoria são as leis fonéticas e a analogia. Estabeleceram-se leis fonéticas como as de Verner, precedida da lei de Grimm. Sem dúvida, o postulado das leis fonéticas estabeleceu

um rigor nos estudos históricos. O primeiro teórico da analogia foi Wilhelm Scherer. Seria a analogia a única razão para impedir as leis fonéticas. Segundo Mattoso Câmara Jr.

“A mente humana, associando formas distintas por seus significados ou semelhanças de sons, foi vista como capaz de interferir no desenvolvimento natural de sons, contrariando a esmagadora força de uma lei fonética.” (1990 [1975]: p. 76).

Na realidade, é Hugo Schuchardt que abre caminhos para uma nova orientação – o estudo da variação lingüística no espaço e sua compreensão para as mudanças no tempo; além disso, é o mesmo Schuchardt que vai introduzir nas preocupações dos oitocentistas o fenômeno do contacto entre línguas. Seu livro seminal é publicado em 2ª edição em 1928, com o título de *Brevier: Ein Vademecum der allgemeinen Sprachwissenschaft*.

No estruturalismo diacrônico ainda são os fatos fônicos o centro. Iniciou-se com o Círculo Lingüístico de Praga e a primeira proposta foi apresentada por Roman Jakobson em 1931, no livro *Prinzipien der Historischen Phonologie*. Contudo, é André Martinet a figura estelar da fonologia diacrônica. Desenvolveu uma teoria mais abrangente que a de Jakobson e, em 1955, publica o *Économie des Changements Phonétiques*. Parte Martinet do “ponto fraco”, que relaciona com os conceitos de “função”, “estrutura” e “economia”. A “função” do fonema é distinguir signos. Associado a isso, explora a noção de “rendimento funcional”, em relação direta com a maior ou menor estabilidade do fonema, que está em relação direta com a maior ou menor estabilidade do fonema no sistema: quanto mais integrado o fonema nesses feixes de correlações e pares opositivos, mais estável é o fonema. Retoma ainda Martinet a antiga noção de “menor esforço”, reinterpretando-a como “economia”. São esses, para Martinet, fatores internos fundamentais para a compreensão da mudança fônica.

Dos estruturalistas americanos, o que mais se preocupou com a mudança foi Edward Sapir que desenvolve a teoria da “deriva” (‘drift’) no seu livro de 1921: *Language: an Introduction to the Study of Speech*. Contudo, essa teoria, tal como o estruturalismo diacrônico europeu, é criticada por sua natureza teleológica, ou seja: ao obedecer uma direção terá a mudança um fim previsível.

No gerativismo diacrônico, que se inicia com publicações como *Syntactic Structures* de Noam Chomsky (1957) e *The Sound Pattern of English* de Noam Chomsky e Morris Halle (1968), são lançados alguns pontos de reflexão sobre a mudança, centrados, sobretudo, no processo de transmissão da língua de geração para geração. A mudança é então entendida como mudança de regras na gramática.

Tanto os neogramáticos como os estruturalistas diacrônicos e Chomsky/Halle vêem a mudança como intrassistêmica. Contudo, ainda na Teoria da Variação e Mudança, iniciada na segunda metade do século XX, que é uma teoria extrassistêmica, o ponto forte é a mudança fônica. Com isso quero dizer que, desde a segunda metade do século XIX, é a mudança fônica o centro das teorias sobre a mudança lingüística. Só em 1979, com David Lightfoot, no livro *Principles of Diachronic Syntax*, é que o foco se desloca para a sintaxe, para a mudança sintática. Na década de oitenta, voltando Fernando Tarallo de seu doutoramento na Pensylvania, juntou-se a Mary Kato e construíram o que veio a ser designado de “Sociolingüística Paramétrica”. Em 1993, já em homenagem a Tarallo, falecido precocemente, publicou-se o livro *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*, organizado por Mary Kato e Ian Roberts.

Sociolingüistas e gerativistas, juntos, vêm estabelecendo que, no final do século XIX, várias mudanças encadeadas tinham acontecido no português brasileiro, predominando os seguintes fatos: a relativa cortadora, que se sobrepõe à canônica com preposições; a tendência para o preenchimento do sujeito e apagamento do objeto; a adjacência do objeto indireto ao verbo. Todos esses fatos levam ao enrijecimento da ordem no sentido de sujeito/verbo/objeto.

Mais recentemente, no Brasil, entram em cena os estudos funcionalistas que, no que se refere à mudança, centram-se nos estudos de “gramaticalizações”. Entre os pioneiros, no Brasil, dos estudos de gramaticalização estão Ataliba Castilho e Maria Luiza Braga, mas é Antoine Meillet, em 1912, que não só cria o termo gramaticalização como apresenta um estudo sobre gramaticalização, intitulado “L'évolution des formes grammaticales”.

Com a sociolingüística paramétrica se estabeleceu uma cronologia, que pode ser revista, para as mudanças sintáticas acima referidas: o final do século XIX definiria assim um limite na história do português

brasileiro. Tais mudanças vêm sendo estudadas em outros *corpora* que representem o passado do português brasileiro.

Assim, a meu ver, as teorias contemporâneas da mudança são a da variação e mudança laboviana, a gerativista e a funcionalista. A primeira se centrava em fenômenos fônicos e morfofônicos, como a concordância e o movimento dos clíticos; a segunda, na sintaxe/morfossintaxe e a terceira na morfossintaxe. Quanto às teorias fonológicas pós-estruturalismo, para além de Chomsky/Halle, já referidos, há, no que concerne ao português, o trabalho de Gladys Massini Cagliari que, com base na fonologia não-linear, analisou o ritmo e o acento na poesia trovadoresca, que estão no seu livro de 1999, *Do poético ao lingüístico no ritmo dos trovadores: três momentos na história do acento*. Os três momentos são: o acento em latim, no português arcaico e no português brasileiro. No momento, Dermeval da Hora pesquisa, no âmbito da fonologia não-linear, aspectos fônicos do século XIX do português brasileiro, com base nas *Atas da Sociedade Protetora dos Desvalidos*.

Quanto às mudanças léxico-semânticas, que se evidenciam na leitura de um texto de período recuado, vejam-se os quatro primeiros versos da famosa *Cantiga da Garvaia* de Pai(o) Soares de Taveirós, dos inícios do século XIII:

“No mundo non me sei parelha mentre me for como me vai, ca já moiro por vós e ai! mia senhor branca e vermelha”

Veja-se no verso 1: “non me sei parelha” equivalente a: não sei eu nada de semelhante; no verso 2: “mentre”, equivalente a “enquanto”; no 3º, “moiro” por “morro” antes da regularização do verbo “morrer” e no. 4º: “mia senhor branca e vermelha”, ou seja, “de pele branca e rosada”.

Uma questão que envolve a mudança é o que se designa de várias maneiras: causas, motivações, tendências, interpretações. Herbert Schendl, no seu livro *Historical Linguistics*, de 2001, considera que há três tipos gerais de explanações: (i) funcionais, como a de André Martinet; (ii) psicológicas, que se concentram nos processos cognitivos e psicolingüísticos, como propõe a teoria gerativista, e (iii) sociolingüísticas, que buscam razões no papel dos falantes como seres sociais (p. 67-68). Contudo, prefiro a posição de Roger Lass, que, no

seu livro de 1980, *On explaining Language Change*, defende que a Lingüística Histórica, como qualquer disciplina histórica, uma vez que trata de realidades humanas, não pode fazer inferências dedutivas, porque na história o contingente é mais forte que o necessário. Para esse autor – concordo com ele – nas disciplinas históricas não se pode “explicar” mas “interpretar”. Para ele a Lingüística Histórica é um “ars interpretandi”, isto é, uma “arte interpretativa”.

## **2. As relações entre as teorias da mudança e a história da(s) língua(s)**

Começo citando B. D. Joseph e R. D. Janda na introdução do *Handbook of Historical Linguistics*:

“Não importa quão cuidadosamente tratemos com evidências documentadas sempre ficarão lacunas... Surpreendem freqüentemente as descontinuidades postas por aparentes lacunas... Na verdade não estamos diante de uma interrupção ainda que única” (p. 19: tradução minha)

Esses autores, a meu ver, querem dizer que as lacunas se devem aos remanescentes da documentação pretérita que têm de ser interpretados e nem sempre recobrem o curso completo da história de uma língua. Anteriormente mencionei que, para a história do português brasileiro, a documentação é farta e diversificada para o século XIX, mas não para os séculos anteriores.

Tratarei a seguir das histórias escritas sobre a língua portuguesa. Em geral, não se menciona Duarte Nunes de Leão e sua *Origem da língua portuguesa*. Erudito do século XVI, publica em 1606 a referida obra. Leão tinha a intuição ou saber das mudanças “que as línguas fazem por discurso de tempo”; contrapõe a língua portuguesa à língua espanhola, o que ocupa os capítulos II a VII. Nesse último, trata dos vários tipos de “corrupção” da língua latina na Espanha (leia-se “Hispania”). Dos capítulos VIII a XVIII, trata dos vocábulos, ou seja, do léxico; do capítulo XIX ao XXI apresenta uma morfossintaxe do português em relação ao latim, dos capítulos XXII ao XXVI volta aos “vocábulos”. É sem dúvida um livro pré-teórico, mas que apresenta “insights” que demonstram o conhecimento erudito do autor (Buescu, 1983, p. 327-329)

Dando um grande salto no tempo, a primeira e volumosa história da língua portuguesa é a de Serafim da Silva Neto. Elaborada ao longo da década de cinquenta do século passado, concentra-se nas origens românicas do português e, de maneira fragmentada, investe mais no português arcaico, que chama de medieval, sua especialidade. A sua *História da língua portuguesa* é compatível com a Romanística de seu tempo. Publicada primeiro em fascículos, torna-se livro em 1952. Na introdução (p. 15 a 52), busca teorizar sobre a mudança da língua, considera a teoria dos substratos, faz crítica às “leis fonéticas” e, por fim, no item 10, “História de uma língua” diz:

“A história de uma língua não é um esquema rigorosamente pré-estabelecido, não é um problema algébrico. Não se pode partir do latim e chegar diretamente aos dias de hoje, saltando por sobre vários séculos de palpitante vida... A evolução é complexa e melindrosa, relacionada com mil acidentes... uma atividade em perpétuo movimento” (1952: p. 52).

Silva Neto reconhece, em *Nota final*, “as deficiências e desigualdades e até êrros” do seu livro. O maior capítulo é sobre o *Latim Hispânico* (p. 161 a 309) e o referente ao *Português Medieval* (p. 397 a 426). Trata da *Expansão da língua* (p. 427 a 442); ao século XVI, dedica dez páginas; ao XVII, outras dez; ao XVIII, mais dez; e ao XIX, cinco páginas, sempre fundado na língua literária.

A *História e estrutura da língua portuguesa*, de Joaquim Mattoso Câmara Jr., é publicada em português em 1976. Antes em inglês, língua em que foi originalmente escrita para uma coleção americana sobre as línguas do mundo; é depois traduzida para o português, porque o texto original de Mattoso Câmara Jr. se perdeu. A meu ver, sua abordagem estruturalista é original, única e indispensável. Dedicase mais à fonologia diacrônica, uma vez que era um fonólogo. Não se limita a isso: trata também da morfologia diacrônica e apresenta dois capítulos sobre o léxico, em que mostra os efeitos da sócio-história sobre o léxico do português; destaca quatro áreas léxicas, em que apresenta em quadros a forma portuguesa, a do latim clássico e a do latim vulgar. Não ficam de fora os empréstimos, que divide em empréstimos decorrentes do convívio de duas ou mais populações em um mesmo território (como é o caso do árabe e das línguas germânicas na Península Ibérica) e em empréstimos culturais, em que duas ou mais línguas entram em contacto por via cul-



tural, como foi o caso do francês e do provençal, no período medieval. Não se esquece dos “grecismos” (lembra-se que Mattoso Câmara Jr., apesar de arquiteto, doutorou-se em Letras Clássicas). Sou uma declarada admiradora de Mattoso Câmara Jr., com quem convivo através de sua extensa obra, desde a década de sessenta e, mesmo antes, com os seus *Princípios de Lingüística Geral*, ainda no meu curso de Letras.

A história de Paul Teyssier, publicada em 1980, sintética porém mais abrangente que a de Silva Neto e a de Mattoso Câmara Jr., ficou limitada pela coleção (a “Que sais-je?”) para a qual foi concebida. Foi logo traduzida por Celso Cunha para a editora portuguesa Sá da Costa e reeditada no Brasil em 2004 pela Martins Fontes de São Paulo. No Prefácio diz Paul Teyssier, referindo-se à edição francesa:

“Numa coleção que tem de sujeitar-se a uma regra imperativa de 128 páginas de pequeno formato... obriga os autores a um esforço de síntese que favorece um rigor de pensamento e a clareza da expressão... A tradução portuguesa proporcionou-me a possibilidade de corrigir esses inconvenientes. Aproveitei... para acrescentar notas explicativas... a bibliografia foi enriquecida com títulos novos” (2004: p.1)

É constituída de cinco capítulos, sendo que o IV é dedicado ao português do Brasil e o V ao português na África e na Ásia. No capítulo I, trata “Do latim aos primeiros textos em galego-português (de 1200 a aproximadamente 1390)”; no II, aborda “O português europeu (do século XIV aos nossos dias)”. Discorre sempre sobre os fatos históricos no início de cada capítulo. É estruturalista na fonética e na fonologia (p. 29-35); reduz mais a morfologia e a sintaxe (p. 36-39); no vocabulário, trata dos empréstimos (francês ao provençal) e das palavras eruditas e semi-eruditas. Da página 48 à 81, trata da “Evolução fonética do português europeu do século XIV aos nossos dias”. Quanto à morfologia, a sintaxe e vocabulário até ao final do século XVI, dedica as páginas 81 à página 92. O capítulo IV, “O português do Brasil”, ocupa as páginas 93 à página 116, em que segue o mesmo esquema dos capítulos anteriores (fatos históricos, periodização, principais características do português do Brasil: diversidade geográfica e diversidade cultural, fonética e fonologia, morfologia e sintaxe; vocabulário e, por fim, a questão da língua no Brasil entre os escritores e entre os filólogos e lingüistas).

À página 98 apresenta um ponto de vista com que concordo plenamente. Sem ser sociolingüista, diz Teyssier:

As divisões “dialetais” no Brasil são menos geográficas que socioculturais. As diferenças na maneira de falar são maiores, num determinado lugar, entre um homem culto e o vizinho analfabeto que entre dois brasileiros do mesmo nível cultural originários de duas regiões distantes uma da outra.” (2004, p. 98)

Pode-se dizer que a *História da Língua Portuguesa* de Paul Teyssier é um pequeno grande livro.

Fernando Tarallo publicou em 1990, pela Ática, *Tempos lingüísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. Usando a metáfora do “túnel do tempo”, Tarallo contrapõe, nos cinco primeiros capítulos, a teoria estruturalista da mudança e a teoria sociolingüística laboviana. No capítulo “O início do túnel”, depois de resenhar a obra de Mattoso Câmara Jr., antes referida, trata do que designou “Português do Brasil versus Português europeu: as querelas”. Este capítulo discute a questão da existência de uma ou duas línguas em torno do português europeu e do português brasileiro (pp. 86-90). Nos capítulos 7, “Túnel fonológico I: as vogais” (pp. 93-105), 8, “Túnel fonológico II: as consoantes” (pp. 106-116), 9, “Túnel morfológico I: as perdas” (p. 117-131), 10, “Túnel morfológico II: os ganhos” (pp. 132-145), 11, “Túnel sintático I: fixando a ordem das palavras” (pp. 146-159), 12, “Túnel sintático II: conectando sentenças” (pp.160-172), 13, “Penetrando as paredes do túnel” (pp. 172-183) e 14, “O túnel feito texto” (pp. 184-206), o autor apresenta uma antologia de textos de 1316, 1433, 1442, 1480, 1496, 1502, 1510, 1515, 1527, 1537, 1597, 1603, 1606, 1715, 1724, 1751, 1752, 1769, 1790, 1847, 1878, 1917, 1918, 1937. Ao todo, são vinte e cinco textos. No capítulo 15, “Saindo do túnel e entrando no livro”, pp. 207-208, sumariza os capítulos de seu livro.

Note-se que a cada capítulo segue-se um resumo e exercícios. O resumo ele designa de “Pensando no (além do capítulo)”. No final do seu Prefácio, Mary Kato, sua colega e amiga na UNICAMP e na PUC/SP diz:

“Tarallo, ao escrever este livro, não dá o peixe ao leitor; ensina-o a pescar. As estratégias retóricas utilizadas... deverão garantir um processo de ensino/aprendizagem prazeroso e estimulante por parte de seu usuário, seja ele o aluno ou o professor.” (1990: p. 13)

O livro, em alguns pontos, merecia uma revisão, que o autor não pôde fazer, uma vez que faleceu logo depois. Nunca fui aluna de Tarallo, mas deveria ter sido um excelente mestre. O livro está esgotado, mas merecia uma segunda edição revista.

O *Curso de História da Língua Portuguesa* de Ivo Castro *et al.*, de 1991, foi moldado para os objetivos da coleção a que pertence, uma coleção didática para ensino à distância da Universidade Aberta. Na introdução e no Capítulo I teoriza sobre a mudança lingüística e a história da língua (p. 7 a 15). Sobre a história da língua diz:

“História da língua designa uma disciplina ou um modo de abordar os fenômenos evolutivos da língua, que tanto pode ser considerados parte integrante da lingüística histórica, como da história propriamente dita”. (1991:15)

O Capítulo 2, “Geografia da língua portuguesa”, trata da dialectologia da história do português e dos crioulos de base portuguesa (pp. 18-63). No capítulo 3, “Do latim ao português antigo”, demonstra o seu conhecimento da Romanística (pp. 66 a 161) e do português antigo (pp. 162-241). O capítulo 4 é dedicado ao português clássico (pp. 242 a 260). Nas páginas 183-184 discute a relação textual entre as duas versões remanescentes do *Testamento de Afonso II*, primeiro texto oficial e régio em galego-português. Sobre a *Notícia do Torto*, escrita entre 1212-1214, é um testemunho desordenado de anotações que, à página 225, Ivo Castro busca ordenar, o que, sem dúvida, facilita a sua leitura (pp. 224-230).

No capítulo 5, “O português clássico” (pp. 242 a 260), vale ressaltar a afirmativa do autor de que o português clássico se inicia no ano de 1536, porque simboliza três acontecimentos: a publicação da *Grammatica da lingoagem portuguesa* de Fernão de Oliveira; a representação do último Auto de Gil Vicente (*A floresta de enganar*); e a morte de Garcia de Rezende. Sem dúvida é o livro uma inestimável contribuição para a história da língua portuguesa.

Mais recentemente, Ivo Castro publica *Introdução à história do português: geografia da língua, português antigo*, cuja primeira tiragem é de 2004 e a segunda de 2005. Na síntese introdutória trata, teoricamente, de fenômenos de mudança e variação (variação social, geográfica e cronológica). Destaca que no território português se usa, além do português, outra língua, o mirandês, que goza o estatuto de

língua oficial regional (p. 2). O capítulo I, “Território e comunidade lingüística” (pp. 11-51), trata dos conceitos “língua portuguesa”, norma, crioulo, pidgin, da área lingüística do galego-português, do português extra-europeu e dos crioulos de base portuguesa. O capítulo II, “Origens do português no quadro românico” (pp. 53-81). O capítulo, “Formação de um espaço nacional para a língua portuguesa” (p. 68 a 82). Este capítulo é muito semelhante ao do *Curso* de 1991. Não trata, contudo, do português clássico, como o fez em 1991.

Em 2006, publica *Introdução à história do português*, segunda edição revista e ampliada. Qual a ampliação em relação ao livro de 2004/2005? A “Síntese introdutória”, o capítulo I e o II não se distinguem do livro anterior. No capítulo III, inclui a *Notícia de Fiadores*, datada de 1175; transcreve a *Notícia* e a crítica de António Emiliano, que prefere ver na *Notícia* “um documento notarial latino-romance” (p.123), e também a posição do filólogo galego José Antonio Souto Cabo, que

“desvalorizou a importância da *Notícia de Fiadores*, ao mesmo tempo que apresentava um outro documento como provavelmente mais antigo... Trata-se de um Pacto de Gomes Pais e Ramiro Pais, não datado, que Souto Cabo sabia entre 1173 e 1175”.

(Castro 2006: 123-124).

Conclui Ivo Castro:

“Se os esforços dos investigadores envolvidos continuam com o ritmo e o nível que têm revelado, talvez daqui surja a constituição de um *corpus antiqüíssimo galego-português*”.

(Castro 2006:125).

Finaliza o capítulo com transcrição das duas versões do *Testamento de Afonso II* de 1214, seguida de alguns comentários lingüísticos; o mesmo fez para a *Notícia do Torto*, tal como no *Curso* de 1991. Acrescenta um capítulo sobre o português médio (pp.149-184) e o português clássico e moderno.

Pelo que li, nenhuma das histórias referidas se baseou em *corpus* ou *corpora* previamente definidos. Quanto às teorias, a de Silva Neto não assume uma teoria; o *Curso* (1991) e as *Histórias* de Ivo Castro, do que se infere da leitura feita, embora falem de variação e

mudança, não aplicam a teoria, mas apresentam ricas informações, com destaque para a de 2006. Só o livro de Fernando Tarallo, sociolinguísta que era, tenta aplicar a teoria laboviana, o que ocorre nos exercícios que sucedem cada capítulo do seu livro.

### 3. Para finalizar

Colocarei alguns pontos a serem discutidos ou apenas como reflexão:

- Se a mudança das línguas no seu tempo histórico é um fenómeno complexo, uma única teoria não poderá dar conta de todas as mudanças ocorridas;
- No gerativismo diacrônico, que se centra na mudança sintática e assume que as mudanças se passaram de geração para geração e não nas línguas, mas nas gramáticas individuais, essa teoria dará conta de mudanças sintáticas, sem considerar o quadro histórico em que se situam as línguas;
- Na teoria da variação e mudança, teoria extrassistêmica que considera fatores de natureza sócio-histórica – classe, idade, etnia –, profundamente desenvolvida no tempo aparente, ou seja, na diacronia sincrônica, o que se coloca, neste caso, é como utilizá-la no tempo real de longa duração.

Assim sendo e, voltando ao princípio, para a reconstrução da história de uma língua, tudo indica que mais de uma teoria se faça necessária. Além disso, para a reconstituição do passado de qualquer língua se faz necessária a utilização de *corpora* representativos, que documentem o passado em todas as sincronias possíveis.

No nosso grupo de pesquisas – PROHPOR e Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB) –, é o que se vem fazendo. O primeiro vem trabalhando desde o século XIII ao fim do século XVI. Muitas teses, dissertações, artigos e coletâneas têm sido publicadas, mas a síntese desse tempo está por fazer e é o que se pretende no futuro. No PHPB, síntese parecida sobre a sócio-história foi feita por Tânia Lobo e Klebson Oliveira. Está publicada no *site* da Associação de Lingüística e Filologia da América Latina (ALFAL); também nesse

site está uma síntese sobre os estudos lingüísticos até então realizados. Essas sínteses, contudo, precisam ser atualizadas.

Pesquisar o passado de qualquer língua demanda paciência, saber e paixão pelo que se está pesquisando, ou seja “ouvir o inaudível” ou “a arte de fazer o bom uso dos maus dados”.

Termino com o historiador medieval José Mattoso que, no seu livro, *A escrita da história: teoria e métodos* diz:

“Prefiro... tentar descobrir as harmonias resultantes dessa fantástica sinfonia que é a História, feita da incomensurável mistura de elementos de toda espécie, tão dispersos e contraditórios com a própria vida, mas de cuja rede infinitamente complexa e fascinante procuram os eixos, os encontros e desencontros”. (1988: p. 10).

O que disse o historiador para a História aplica-se, a meu ver, à história da(s) língua(s).

## Referências

- Câmara Jr., J. M. 1976. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão.
- Câmara Jr., J. M. 1975. *História da lingüística*. Petrópolis: Vozes. [1990].
- Castro, I. et al. 1991. *Curso de história da língua portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Castro, I. 2004. *Introdução à história do português*. 2 ed. Revista e ampliada. Lisboa: Colibri.
- Chomsky, N. 1957. *Syntactic Structures*. The Hague: Mouton.
- Chomsky, N.; Halle, M. 1968. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper and Row.
- Coseriu, E. 1979. *Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança lingüística*. Rio de Janeiro: Presença.
- Foucault, M. 1972. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Tradução de Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária. [2000].
- Guedes, M.; Berlink, R. 2000. *E os preços eram commodos ... Anúncios em jornais brasileiros. Século XIX*. São Paulo: Humanitas.
- Hermann, P. 1880. *Princípios fundamentais da história da língua*. Lisboa: Gulbenkian. 1970.
- Jakobson, R. 1931. *Principes de phonologie historique*. Paris: Klincksieck. [1964].
- Joseph, B. D.; Janda, R. J. 2002. *Handbook of historical linguistics*. New York: Blackwell.

- Labov, W. 1982. Building on empirical foundations. In: W. Lehmann; Y. Malkiel (Eds.). *Perspectives in Historical Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 17-82.
- Lass, R. 1997. *Historical linguistics and language change*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Lass, R. 1980. *On explaining language change*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Lightfoot, D. 1979. *Principles of diachronic syntax*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Lobo, T. et al. 2001. *Cartas baianas setecentistas*. São Paulo: Humanitas.
- Martinet, A. 1955. *Économie des changements phonétiques: traité de phonologie diachronique*. Bern: Francke.
- Massini-Cagliari, G. 1999. *Do poético ao lingüístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento*. Araraquara: Cultura Acadêmica Editora UNESP.
- Meillet, A. 1912. L'évolution des formes grammaticales. In: A. Meillet (1958). *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Klincksieck.
- Nunes de Leão, D. 1606. *Ortografia e origem da língua portuguesa*. Edição de M. L. C. Buescu. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. [1983].
- Roberts, I.; Kato, M. (Orgs., 1993). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- Sapir, E. 1921. *A linguagem: uma introdução ao estudo da fala*. 2 ed. Rio de Janeiro: Acadêmico. [1971].
- Schendl, H. 2001. *Historical linguistics*. Oxford: Oxford University Press.
- Schuchardt, H. 1928. *Brevier: ein vademecum der allgemein Sprachwissenschaft*. 2 ed. Harle.
- Silva Neto, S. 1976. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal.
- Tarallo, F. 1990. *Tempos lingüísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática.
- Teyssier, P. 1980. *História da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes. 2004
- Weinreich, U.; Labov, W.; Herzog, M. 1968. Empirical foundations for a theory of language change. In: W. Lehman; Y. Malkiel (Eds.). *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 95-188.